

Festas Nicolinas

O PREGÃO DE S. NICOLAU

Recitado em 5 de Dezembro de 1960

PELO ESTUDANTE DO LICEU DE GUIMARÃES

José Maria de Oliveira Ribeiro de Almeida.

Ao Fundador do Grande Império Ultramarino
Nosso Preto Maior, da alma o mais profundo.
O Imortal Ele é que, no Arrojo e Tino,
Mais Novos Mundos deu à órbita do Mundo.

A Festa a Nicolau é nossa e... continua...
A Velha Tradição não morre em Guimarães.
Ela é, sempre será p'ra toda a gente, a rua,
E' a Festa que encantou as Mães das nossas Mães.
E' a Festa da Bríosa: os Jovens Estudantes
Que vão buscar a Luz à Sapiente Escola.
Minerva os acarinha em beijos faiscentes.
— Só não acarinhou o Velho Beizerola... —
Que cábula tremendo, e grande reinadio,
O saudoso António e nosso companheiro!
Dez anos estudou, e estudou com brío,
E foi p'ra o Outro Mundo apenas c'o primeiro...
E' a Festa do boémio, o Brito piadista,
Do Alvaro canhoto e do Abreu pacato;
Do velho Zé de Sousa, exímio guitarrista;
E' a Festa do Sargeda e do Domingos Rato;
E' a Festa do Roriz, Poeta e Orador,
Do Bráulio rouxinol, do sábio Lente Meira;
Do douto José Pinto, um astro de fulgor,
Do Leão, do Filipe e do Arnaldo P'reira;
E' a Festa do Aprígio, o pálido humorista
Do discurso e do brinde em língua *afrancesada*...
Da sua graça viva, e espontânea, e mista,
Que nos fazia rir em forte gargalhada...
Ela é de tantos mais, que a conta lhe perdi...
— Tropeço num êxtase e num marasmo eu caio... —
... Mas afinal desperto... ah! não, não te esqueci:
E' a Festa do Amor, do Singular Sampaio.

Dos Vivos, Alto Escol: Ela é do Adelino,
Do Helder, do Luís, Martins, dos Chaves, Flores,
Artur, Jaime, Simões, Cardoso, o Antonino,
E quantos, quantos mais: Levitas, Escritores.

O máximo respeito ao inclito Reitor
Que rege nobremente o Corpo Liceal.
A viva saudação, saída com fervor,
Aos Doutos Professores, a todos por igual.

O pano vai subir:

O Riso-Tolo, a Graça,
O Drama-Choramanga, a Farsa, a Vil-Tragédia...
Talvez se role a fita: a Dor e a Desgraça.
Talvez que lhe encontreis: o Chiste da Comédia...
O Cine é a Araduca:
Olhai, ouvi, Senhores,
E vós, Bébés de Chucha, apreciad também...
São fitas Tudo-e-Nada em gargalhadas, dores,
São fitas a rolar no vasto Ecrã da Mãe...

A Penha foi à bruxa e foi de roupa nova...
(Moreirinha lh'a deu, despiu-lhe a roupa suja...)
A bruxa mira-a assim, sai trôpega da *cova*,
Faz despertar o mocho e a agoirenta c'ruja,
E fala à visitante: — O' filha, que *chiqueza!*...
Eu sei, sei ao que vens, eu desentorro arcanos...
Alto a c'ruja gargalha: — Um hotel com limpeza
Talvez o tenhas só daqui por dois mil anos... —

A Penha treme, treme e lívida, depois,
Baixinho lhe pergunta: — E quando, o meu transporte?...
O mocho logo pia: — Terás carros de bois
Dos que andam sem andar e de madeira forte... —

O Vitória! — eia, avante!... e marcha sem temer
P'la sua nobre grei, — ecoa a voz do rádio...
Ah! quem pudera ouvir, ah! quem pudera ver
Aquele Onze a cantar, marchar no seu Estádio...

Quando é que chegará, ó Santo Nicolau,
O bravo Regimento ao lado das Lameiras?...
Só faltam os corcéis, que são feitos de pau,
Daqueles que não dão pinotes das trazeiras... —

A nobre Mumadona, erguida em pedestal,
Olha ufanosa, altiva, o Todo que a rodeia.
— Justiça, haja Justiça, ali, no Tribunal,
Que a Terra de injustiça há anos que anda cheia... —
— O Paço, que é um assombro! agora restaurado,
Receba com nobreza os visitantes todos...
Que o cicerone, ali, não dê *breves recados*,
Saiba aquilo que diz mas... devagar, bons modos. —

Mortos da Guerra e Gil?!... Apenas cinza e nada
No caixote do limbo, há anos sem Memória!...
O' negra ingratição: tu olha aquela Ossada,
Não a deves 'squecer... que Ela pertence à História.

A Festa a S. Gualter este ano foi de *escacha*,
A nobre Comissão honrou-a e foi honrada.
Que vagalhões de luz na inimitável *Marcha II*...
Apenas um senão... a falta da *Tourada*...
Milagre!... foi milagre!... A teta *Vaca Negra*,
Sequinha, emurcheceu há meses, no estio...
Em vez de leite dar, p'ra um almoço em regra,
Agora só dá água em profusão, num rio...
Evoé, evocé, ó Baco, que fartura!!
Safou-se o bacalhau mas a pichorra é cheia!...
O' ditoso Milhão de gorjas com *secura*:
Come vinho ao jantar, vinho ao almoço, à cela...
Vêde que coisa gira, extraordinária, chasca:
Na Praça do Mercado alvo lençol num pau!
Nos seus dias de feira aquilo cheira a tasca
Com pipas de rascante e cheiro... a bacalhau!...
Mas que cheiro! que odor! que falta de limpeza!...
A Praça quer-se limpa, aqui não é Marrocos...
O *reco* dá rojões, um prato que enche a mesa,
Mas não porcos rojões dos almeidinhos porcos...
P'ra rubros palavrões de gente desbocada,
Desmandos dia e noite, em barda e estultícia,
Nossa polícia é pouca, é mesmo um *quase nada*,
A nobre Guimarães precisa de polícia...

Agora vai surgir o Teles-da-Visão
De exótico aparelho em jeito de quadrado...
Tem cenas de espantar, de enorme sensação,
De um morto pôr em pé, ficar embasbacado!
Nikita despejou num puxo as rubras feses...
Sabeis qual é o seu fim, com fétidos discursos?...
— Que as nossas Pocações, que os pretos portugueses,
Não tenham carapinha e sim cabelos russos... —

O Teles-da-Visão alfim se vai embora,
Faz uma reverência e tira o seu penante...
Que raio de invenções a gente vê agora!...
Só falta ouvir cantar na rádio um elefante!...

Vastas Obras em curso: a Alameda enorme,
O Parque do Castelo, a Estação Secor...
A Estátua a esse Alguém, que o sono eterno dorme,
Arnos Per do Reino, Arnoso o Escritor.
Com urgência se impõe a delimitação
Da Terra que é a Mãe de Raça Lusitana.
Ela tem o direito, e foros de razão,
De ser uma Cidade intensamente urbana.
A Obra em conclusão da Casa de Sermonto
Onde Ele recolheu o seu Labor Profundo!
Do Arquéologo Sábio, um Vulto de Talento,
Que enriqueceu a Urbe e foi Alguém no mundo.
Egas Monis a Afonso alta lição lhe deu
Com seus filhos, mulher, de cordas nos pescoços...
Outro Egas e Monis, pertinho do Liceu,
Vai dar lições e luz a cérebros de moços...
Aquele Apeadeiro em Covas, carrancudo,
De tantas covas ver das covas já se ria...
Mas um dia despiu o roto sobretudo
E fez na sua frente a larga Rodovia...
Daqui ninguém me tira, ecoa a voz ao longe,
Do Rei Conquistador, mais fria do que o gelo...
Há anos, neste exílio, eu sou tal qual um monge
Que só medita em Deus e... olho o meu Castelo...
S. Domingos abriu a sua Casa ao Culto,
A sua velha Igreja agora restaurada.
Como Crente e Cristão, ao vê-la assim, me exulto
E sinto, dentro em mim, a alma ajoelhada.
O Barço ergueu seu Preto a quem lhe deu Altura,
Ao seu representante audaz na Capital.
Que amor a Guimarães dedica esta Figura,
O quanto adora a grei o íntegro Amoral!

A ti, costureirinha, ó pálida *grisette*,
De lábios de cereja e rosto maquilhado:
Vou dar-te, para o pulso, um rico bracelete
Com pedras de missanga, em volta, rendilhado...
Tricanas, o que é isso?... Olhai-nos, mas de frente...
Vamos, haja alegria, erguei a voz, cantai...
O' moças, tendes frio?... O nosso peito é quente,
Chegai-vos, aquecei, connosco *arrebital*...
Assim... chegai-vos mais, ariscas tricaninhas,
O fogareiro é aceso, o lume em nós crepita...
A's nossas encostai as vossas cabecinhas
E dai-nos a lição com beljos de *arrebital*...

Em quatro versos só o coração diz tudo:
Senhoras, amanhã é um Dia de Surpresas...
Recebereis maçãs, os pomos de veludo,
Nas vossas brancas mãos fidalgas de Duquezas.

A's armas batalhões, Heróis de S. Mamede!...
Arrasa-se hoje o mundo, aqui ninguém escapa!...
Nem um palmo de terra a Pátria, um palmo cede,
Com ursos vá dançar o urso senhor Kapa...

Dezembro de 1960.

DELFIN DE GUIMARÃES.